

Entrevista com Odete Marques via ligação telefônica em 11 de fevereiro de 2021 às 18h20m

Legenda

Odete Marques: O

Juddy Garcez Moron: J

O: Alô

J: Alô, Dona Odete. Aqui é a Juddy.

O: Oi Juddy, tudo bem?

J: Tudo bem e com a senhora? Tudo certo por aí?

O: Tudo certo. Sabe o que eu to achando, é que o dia que chove muito, tempestade, a não, a nossa internet aqui fica péssima.

J: Ah, sim. Por isso que eu preferi ligar no celular mesmo porque aí não tem problema com a internet. Mas por aqui tá chovendo também, então acho que tá um pouco ruim.

O: Mas aqui no telefone tá legal.

J: Ah, então tá bom. Antes da gente começar, eu só quero confirmar com a senhora se tá tudo bem eu gravar a nossa conversa.

O: Como?

J: Se eu posso gravar a nossa conversa.

O: Pode sim.

J: Então tá bom.

O: Lógico que pode.

J: Depois eu vou revisar, né, então é bom

O: Tá bom.

J: Bom, eu vou me apresentar primeiro pra senhora. Da onde que eu sou, da onde que eu venho.

O: Ah tá

J: Eu sou a Juddy, eu faço mestrado em Relações Internacionais na UNILA, que fica em Foz do Iguaçu

O: Ahn

J: E eu moro em São José dos Campos, no interior de São Paulo. E nessa pesquisa eu tento compreender um pouquinho como que se deu a atuação dos Clubes de Mães.

O: Ahn

J: Se vocês se relacionavam com outros grupos, como que era a rotina, né

O: Uhn

J: E eu também trago um pouco da discussão sobre a maternidade pra minha área. A gente discute muito essa questão de política, essa coisa mais internacional, mas a gente não olha muito pra dentro, né.

O: É

J: Eu acho importante a gente olhar pra dentro e conversar também com as pessoas que viveram essas, esses movimentos.

O: Certo

J: Por isso que eu entrei em contato com a senhora.

O: Ô Juddy

J: Sim

O: O meu neto mora aí

J: Ai que legal

O: Ele trabalha na Johnson

J: Ah, sim. Nossa, realmente. A Johnson é muito boa né. Ah, mas que legal. Aqui é uma boa cidade.

O: Então vamos continuar.

J: Vamos lá. Eu preparei algumas perguntas pra senhora

O: Uhn

J: Na verdade a ideia é não tomar muito tempo, é mais pra

O: Mas eu acho bom você fazer as perguntas. Posso também me apresentar, né.

J: Ah, tá certo

O: Então, eu me chamo Odete Maria Antônia Marques. É, sou viúva já há mais de vinte anos. Tenho, é, cinco filhos. Tenho dez netos e onze bisnetos. É, vim de Minas, do sul de Minas, né

J: Uhum

O: Com o meu marido pra trabalhar aqui em São Paulo e logo que chegamos, na época a gente começou a participar das Comunidades Eclesiais de Base, que é onde eu comecei meu trabalho pela Igreja, né

J: Sim

O: E até hoje to por aqui, né. Depois de bastante luta. De muito trabalho. Hoje eu trabalho com grupos de terceira idade, só com idosos. Tenho uma banda e eu programo bailes também pra idosos, né. Tenho uma banda junto com uma outra amiga também que canta e temos um tecladista e nós programamos bailes pros idosos.

J: Ai que legal

O: E continuo fazendo meu trabalho. Trabalho também nos grupos, é, dou aula de artesanato, é, faço resgate de História. É, e um trabalho que gosto de fazer. Porque quando, eu me formei com setenta anos em pedagogia

J: Uhum

O: Mas eu não optei em ir pra escola, é, fundamental. Eu preferi ficar com o trabalho que eu já fazia de idosos, né. Porque eu fiz vários treinamentos pra isso. É, o meu primeiro treinamento foi com Paulo Freire. Depois eu fiz um treinamento também no Canadá, pra educação de adultos, me adaptei. Eu gosto muito de fazer trabalhos e não quis dar aulas pra crianças em escola, eu optei, é, ficar trabalhando nesse ramo. E minha vida tem sido assim. Muito trabalho, é, muita, sou muito alegre. Uma pessoa muito alegre. Gosto de participar de tudo. A família, minha família é maravilhosa e assim vou levando.

J: Ah, é bom ter bastante coisa pra fazer. Ainda mais nessa pandemia, né. Que a gente tem que ficar dentro de casa

O: Pois é

J: Mas então tá. Eu

O: Me adaptei muito fazendo coisas em casa. Tenho feito muito artesanato, tenho vendido pela internet. Também tenho feito muitos doces, porque eu to em um sítio onde tem muitas frutas. Então eu faço geléia. Minha filha vendo pra mim lá em São Paulo. Então faço doces

J: Ai que delícia

O: Caseiros e vendo tudo através da minha filha lá em São Paulo.

J: Ah, que ótimo, Dona Odete. Isso é muito bom. Faz bem. Em não ficar parada. É, eu vou começar com uma introdução bem rápida. Se a senhora puder me contar um pouco de como que foi a história da senhora com o Clube de Mães. Como foi quando a senhora entrou. Se a senhora já conhecia alguém que tava lá...

O: Então, quando eu cheguei em São Paulo. É, logo logo, eu já quando entrei pra comunidade, que isso foi lá nos anos 1960

J: Uhum

O: Eu comecei a participar da comunidade. Naquela época a gente ainda não tinha os grupos de mulheres. Mas eu trabalhava em qualquer trabalho que tinha na comunidade. Eu e meu marido, é, preparamos noivos pra casamento. Dávamos cursos de noivos.

J: Uhum

O: Depois, com o tempo, nós começamos então, a, começamos aí esses Clubes de Mães. Que na época era Clubes de Mães. Não era grupo de mulheres, não.

J: Sim

O: Era Clubes de Mães. E nesse Clube de Mães, é, que eram na Igreja. A gente fazia na Igreja, né. A gente, as mulheres vinham pro grupo e a gente começava, assim, com o trabalho artesanal. Trabalhávamos com bordado, com crochê, com trico, com pintura, com corte e costura. E as mulheres gostavam muito. E a gente foi percebendo que a gente tinha que ensinar, aí, essa coisa prática. Mas

que a gente devia, também, que ter alguma coisa teórica de discussão de problemas. Então começamos a discutir sobre educação de filhos, sobre saúde. Naquela época a gente tinha uma vida muito sofrida.

J: Sim

O: Porque a gente não tinha água encanada, não tinha esgoto, não tinha transporte. E, é, tudo dependeu da gente discutir sobre essas coisas. Então a gente discutia e começou, daí, essa preocupação das mulheres e o que fazer, né?

J: Uhum

O: Então nós tivemos várias lutas. É, sobre saúde. Sobre transporte. Conseguimos muita coisa pros nossos bairros. Até que, num momento, teve um momento que a gente começou a perceber a alta do custo, né.

J: Uhum

O: Das coisas pra casa. Então, eu me lembro que num grupo, que chamava, no bairro que, não sei se você já ouviu falar, um bairro que chama Nakamura

J: Já ouvi falar

O: Então, é um bairro aqui da região sul. É, e lá nesse bairro nós tínhamos também um grupo de mulheres. Que os nossos Clubes de Mães funcionavam assim: a gente tinha vários.

J: Uhum

O: Vários grupos

J: Sim

O: E, um dia, a gente reunia representantes de todos os grupos em um lugar só, que era a coordenação. Desculpe, eu to com uma pigarrinha

J: Não, sem problemas

O: E aí a gente se reunia pra ver como fazer o trabalho, né.

J: Uhum

O: E esse grupo, uma senhora que chamava Dona Maria e uma amiga dela, que um dia lavando roupa começaram a se preocupar muito e conversaram sobre o que fazer, né, com aquela dificuldade que elas passavam. Dinheiro pouco, é, casa, uma casa muito pequena. Os filhos e a falta de alimento, tudo. O que fazer? E as duas pensaram assim “Ah, vamos levar lá na coordenação do Clube de Mães

J: Sim

O: A nossa preocupação. Quem sabe a gente escrevia uma carta pro presidente ou fazia alguma coisa pra ele ajudar

J: Uhum

O: Aí quando elas chegaram na coordenação, que colocaram isso, aí ficamos assim, sabe, o que fazer mesmo? Elas tem razão, mas o que fazer? E aí começamos discutir o que fazer. Então, a gente pensou

em fazer uma pesquisa. Uma pesquisa de casa em casa, é, pra perguntar pras famílias quanto que o marido ganhava

J: Uhum

O: Quanto que gastava por mês, como que tava a vida e tal. E aí nós fizemos essa pesquisa. Você acredita, num bairro de casa em casa. Nós saíamos, assim, os grupinhos nas casas. Fazendo perguntas, anotando. E fizemos essa pesquisa porque foi um barato. Foi muito bom. Todo mundo participou e essa pesquisa nós enviamos mesmo. Pra lá.

J: Nossa, eu imagino o trabalho que não deu, né. Ir de casa em casa, colhendo esses depoimentos, né.

O: Pois é, mas era um trabalho que a gente tava fazendo, assim, com muita garra, com muito amor.

J: Sim

O: E aí nós enviamos essa carta. É, discutimos no grupo. Todos os grupos assumiram, acharam que era importante. E nós começamos a fazer essa pesquisa. Até conseguimos muitas assinaturas. Fizemos um abaixo-assinado e enviamos pra, pro presidente. Então, foi um, foi uma coisa assim que estourou. Todos os jornais noticiaram, na rádio falava. E a gente tava mesmo, assim, querendo fazer alguma coisa. E depois disso muitas coisas foram, foram acontecendo. E a gente nunca mais parou, né.

J: Sim. E

O: Até conseguir chegar nessa parte que você vai perguntar.

J: Sim. Eu vou fazer um percurso um pouquinho diferente, eu acho, das outras pessoas que entrevistaram a senhora

O: Sim

J: Porque eu quero saber também como que era o contato com outros grupos

O: Ah

J: Só os Clubes que se relacionavam? A senhora também tinha contato com outros Clubes, com outros grupos?

O: Nós tínhamos contato com todos os grupos. E depois, o que aconteceu, é que muita gente, é, todo mundo engrossou a nossa luta. É, sindicatos, os homens que, é, que era o grupo, um movimento de mulheres

J: Sim

O: Mas os homens entraram com a gente dentro dos movimentos. Filhos, vizinhos, todos se interessaram, né, em fazer essa, essa campanha.

J: Ah. E os homens participavam ativamente?

O: Os homens?

J: Aham

O: Ah, mas, tinha muitos homens na luta. Eu vou ver depois se eu consigo, é, achar umas fotos que eu tenho de reuniões que a gente tinha e mando pra você pelo Whatsapp.

J: Tá bom, muito obrigada.

O: Era muito boa a participação. É, nós fomos trabalhando muito, assim, até que a, esse movimento criou, a, uma força tão grande que nós éramos convidadas a ir no Brasil inteiro pra ir contar experiência, pra ir falar como é que tava a luta, pra ir explicar como é que as pessoas tinham que fazer pra participar. E eu lembro que eu fui pra São José do Rio Preto, eu fui pra Campinas. Muitas amigas também, cada, pra cada lugar ia uma, duas amigas, né.

J: Uhum

O: E a gente fez, é, isso aí se expandir. E isso aí cresceu muito. Tanto que você que a nossa luta ela foi conhecida, ficou conhecida mundialmente. E não foi em uma época fácil, né. Na ditadura militar, onde você não podia se reunir, e a gente se reunia, a gente ia pra rua. A gente sabia que tinha pessoas espiando, né

J: Uhum

O: Pra denunciar. Mas a gente tinha muita coragem naquela época, muita.

J: Ai, que ótimo. E a senhora se lembra de ter contato com algum grupo de fora do Brasil? Ou era mais no Brasil mesmo?

O: Olha, no começo, a gente só ficou mais por aqui. Por exemplo, teve o, pessoas que foram pra Argentina, foram para outros

J: Uhum

O: Estados do Brasil eu acho que nós fomos em todos.

J: Sim

O: Mas, e depois, começou a sair pra fora, né.

J: Uhum

O: Eu mesmo, é, tive, depois que passou tudo, que a gente já tinha conseguido muita coisa, e que essa luta, nós derrubamos a ditadura militar, né, e tudo mais

J: Sim

O: Depois de muito tempo eu acho que, é, eu fui convidada pelo governo canadense, eu fui convidada por Fidel Castro

J: E a senhora foi viajar? A senhora teve contato?

O: Então, aí eu fui viajar. Fui pra contar a experiência

J: Ah, que legal.

O: A gente contava a experiência. O pessoal ficava assim, assim, como eu digo? Admirado, né.

J: Sim

O: Das mulheres terem conseguido fazer isso. E éramos mulheres pobres, né.

J: Uhum

O: Mas, mas a gente não, não tinha preocupação de largar casa. A gente largava a casa e saía mesmo pra rua. Eu lembro que quando a gente foi fazer o abaixo-assinado nós fomos em grupinhos, assim, de quatro, cinco, juntas assim, pra algum ponto da cidade, né.

J: Uhum

O: Eu lembro que um dia a gente tava na Praça da Sé e lá os policiais vieram pra, pra prender, né

J: Sim

O: Aí eles foram pra prender uma amiga e nós falamos “Não, se o senhor foi levar ela, o senhor vai ter que levar todo mundo. Então o senhor vai ter que prender todas nós”. E aí eles desistiam porque eles viam que o povo, que a gente se engrossava cada vez mais, né?

J: Aham

O: A gente falava “Poxa vida, a gente não entende como é que vocês não entendem a nossa luta. Nós não tamos lutando só por nós. Vocês também ganham um salário baixo. A gente tá lutando por todo mundo” e foi uma coisa, viu. Lembro que na nossa primeira assembleia, nós fizemos uma assembleia. Eu acho que foi em, deixa eu ver, em setenta e cinco, nós tivemos uma assembleia, é, onde nós reunimos... Não, não foi setenta e cinco, não. Não vou me lembrar de quando, mas sei que ainda era ditadura. Então era uma coisa perigosa

J: Sim

O: E nós fizemos essa Assembleia e reunimos cinco mil pessoas no Colégio Santa Maria e, é, entre esse povo todo era cheio de gente, é, do, da, da polícia, sabe, que tava ali pra investigar. Até pra prender a gente, né

J: Aham

O: Do DOI-CODI, né, tava tudo ali. E eu lembro que a nossa mesa. Nós com, nós tínhamos uma mesa composta. Era eu, era o Dom Mauro Morelli, era a Concei, a Neidja Bacchi, que era também uma companheira do PCdoB

J: Sim

O: E a Emília, nós estava compondo essa mesa do dia da, da, dessa assembleia, né. E nessa assembleia o nosso povo se organizou de um jeito que eles eram o nosso segurança

J: Aham

O: Então a gente, de vez em quando chegava um papelzinho na mesa dizendo assim “Tem gente aqui perguntando sobre vocês.” Então a gente sabia que era um espião que tava no meio, né

J: Aham

O: Mas, a gente levou em frente esse trabalho. Tivemos um, um grande sucesso nesse trabalho. Conseguimos mesmo mudar muita coisa. Até chegar nessa derrubada da ditadura militar, foi muita parte nossa. Nós que fizemos esse trabalho, é, só, a maioria dos nossos também naquela época já

depois, bem depois, é, quando começou a surgir os partidos políticos fomos também que ajudamos, né

J: Sim

O: Por exemplo, fundar o Partido dos Trabalhadores mesmo, foi uma coisa, por nós, né. Uma pena que tudo deu tanto erro, né. Agora há pouco tempo

J: Sim

O: Mas, naquela época nós fizemos tudo pra fundar esse partido e tinha, a gente tinha uma esperança muito grande que a gente ia fazer coisa muito importante pro povo, né. E continuamos o trabalho

J: Sim, e fizeram, né, bastante coisa importante

O: Muito, muito

J: Eu tava dando uma olhada nos documentos que tem dos Clubes de Mães lá no CEDEM, que fica ali, ali na Praça da Sé, né

O: Ah, nós temos. Nós temos lá

J: Então

O: Muita coisa

J: Muita coisa boa, né? Eu consegui ir lá antes da pandemia ano passado

O: Ótimo

J: Então eu fiquei até com uma dúvida. Se a senhora puder me solucionar. Eu encontrei um documento falando do Ano da Mulher, em setenta e cinco. Que foi o ano que a ONU estipulou. A senhora lembra de alguma coisa relacionada a isso?

O: Olha, assim, assim, assim agora eu não me lembro. Mas eu sei que nós tivemos muito trabalho relacionado a essas coisas. Nossas assembleias, nossos movimentos fizeram muitas coisas. Trabalhamos muito em cima de tudo isso. É, da mulher, e agora há pouco tempo a gente teve assim também sobre política.

J: Sim

O: Tudo que era de política. Por exemplo, só pra você ter uma ideia, é, na igreja, é, quando a gente discutia algum trecho evangélico

J: Uhum

O: A gente nunca discutia aquele trecho por discutir ou porque pra nós o céu era lá no céu, não era aqui na Terra. E eu lembro que a gente falava assim, é, no evangelho dizia assim “Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância”, né

J: Sim

O: E a gente falava “mas que abundância a gente tá vivendo?”. Então em cima do evangelho também a gente partiu, é, com muitas falas e, e entendimentos de que a gente tava vivendo uma vida errada e sofrida, né?

J: Sim. É, uma outra dúvida que eu tenho também. É, só tinha mulheres que eram mães nesses clubes ou também tinham outras mulheres?

O: Não, tinha de todo tipo. Chegaram mulheres solteiras também, mas a maioria eram mães, viu?

J: Ah

O: Mães, avós. É, e era um trabalho bom. Porque a gente pensava assim “Meu Deus, por que não aproveitar politizar, ajudar essas mulheres a entender política? Não é só fazer um crochê, um bordado, que é importante. Então além de culinária, bordado, costura, a gente entrava com a proposta de discutir política, discutir educação, discutir saúde. E em cima disso tudo a gente foi deslanchando

J: Ah, sim. Legal. Eu tava, eu tava dando uma olhada também nos jornais do Brasil Mulher. A senhora se lembra desse jornal?

O: Ah, Brasil Mulher foi um grande jornal que acompanhou. Você já ouviu falar da Moema Viezzer?

J: Sim

O: Então, a Moema, ela trabalhou junto com a gente, pesquisando, é, fazendo entrevistas. Escreveu muito sobre, tanto que quando, quando eu fui pro Canadá

J: Uhum

O: Ela também foi também.

J: Ah, legal. Eu tenho um livro dela aqui sobre os grupos da Zona Leste

O: Ahn

J: Que é “O Problema não está na mulher”

O: É. E também um livro que a gente, que a gente usou bastante nos grupos como tema de reflexão. Eu não sei se você chegou a ver aquele livro da Domitila

J: Não vi

O: É, “Se me deixam falar”

J: “Se me deixam falar”? Vou anotar aqui e vou dar uma olhada depois.

O: É, “Se me deixam falar”. Aquele livro, aquela história dessa mulher, é,

J: Sim

O: Ela, foi muito bom pra nós. Foi uma experiência de vida, de luta de mulheres, né

J: Sim

O: E a gente aproveitou muito da história dessa mulher pra se falar nos grupos, conversar. E tem vários outros grupos, é, não sei se você viu um livretinho também que dizia assim, é, “toda mulher deveria ter a chave da sua casa”

J: Sim

O: Você viu?

J: Vi.

O: Esse livro?

J: Sim, eu vi bastante. Todos os documentos que tão lá no CEDEM eu já olhei.

O: Então, é um livreto

J: Uhum

O: Que o marido proibia a mulher de participar e ela, um dia ela saiu e quando ela voltou ela teve que dormir na rua com os filhos porque o marido trancou a casa, né

J: Uhum

O: Então daquele dia em diante ela, ela pôs na cabeça de que ela tinha que ter a chave da casa dela

J: Sim

O: E esse livreto foi muito bom, porque tem muitos maridos que não deixava as mulheres ir pro grupo. Principalmente porque nosso grupo chamava Clube de Mães

J: Uhum

O: Eles achavam que era um lugar, assim, é, pra dança, pra essas coisas, né

J: Aham

O: E, é, e também outra coisa que eu achava engraçado é que quando elas chegavam em casa e contavam alguma coisa, por exemplo, sobre sexualidade. A gente discutia tudo isso, né

J: Sim

O: E os maridos não aceitavam. Então, eles ficavam contra, né. E muitas delas eram proibidas de ir nos Clubes de Mães e tal. Mas aí esse grupo ele foi Clube de Mães até um certo ponto. Depois a gente achou de melhor a gente chamar mesmo de Grupo de Mulheres porque pegava melhor, né.

J: Entendi. E outra dúvida que eu tenho também. Nesses, nessas mulheres que frequentavam esses grupos haviam mulheres feministas? Como que era a relação de, dos grupos de mães com as mulheres feministas da época?

O: Várias. Várias feministas. Elas, pelas mulheres que eram muito, você sabe que na igreja, é, as mulheres são muito assim “beatonas”

J: Sim

O: Tudo pra elas é pecado, então essas mulheres elas, elas achavam, assim, errado

J: Uhum

O: E muitas também falavam, eu me lembro que tinha uma mulher que falava assim “Odete, eu to com tanto medo da nossa luta.” Aí eu perguntava “Por que é que você tá com medo?”. Aí ela falava “Porque eu acho que tá virando comunismo.” Aí eu dizia pra ela “O Jaci, mas você sabe bem o que é o comunismo? O que que é comunismo pra você?” Aí ela falava “Ai, nossa. Mas minha vó falava que comunista era pai vivendo com filha, era irmão casando com irmã. E era, é um pecado ser comunista e tal.” Aí eu falei pra ela “Engraçado, eu vejo com, essa tanada comunista diferente de você. Eu não acho isso não”

J: Uhum

O: “Apesar de que eu ouvi minha vó também falando isso. Mas pelo que eu to sentindo agora eu não to achando que comunismo é isso, não. Eu acho que a palavra comunismo é coisa de, é ter coisa em comum. Eu acho que ter comunismo é pra gente poder dividir as coisas iguais. Ter direito a tudo. Eu não acho que é só isso de pecado que você tá vendo.” E aí dava muito trabalho. Eu lembro que no dia que nós fomos presas lá em Brasília

J: Uhum

O: Nós fomos pra Brasília e deu um, uma parada lá e eles prenderam nós lá.

J: Sim

O: E aí ela falava pra mim “Ai, Odete, pelo amor de Deus. Será que meu marido vai escutar no rádio?” Eu falei “Já escutou. O mundo inteiro já escutou que nós tamos aqui, presas aqui em Brasília. Mas você não preocupa, não. Nós vamos sair daqui, se a gente quer lutar a gente tem que enfrentar tudo.” Então além da gente ter que lutar, a gente tinha que lutar ajudando, esclarecendo, fazendo igual as causas, né

J: Sim

O: E assim foi, era a nossa luta.

J: Legal. E como, a senhora acha que esses grupos de mulheres feministas que lutavam outras lutas, né, é, como que elas enxergavam os Clubes de Mães? A senhora acha que elas tinham interesse?

O: Olha, a única diferença que eu percebia, que elas não eram, assim, essas mulheres como era as da igreja.

J: Uhum

O: Assim, por exemplo, eu acho que as mulheres da igreja, aquelas mulheres assim que eram de muita fé, de muita oração. E as mulheres feministas não. Elas não eram muito assim, não

J: Uhum

O: Elas era mais, assim, duronas, sabe?

J: Entendi

O: É, o jeito diferente, de pensar. Mas eu acho que nem todo mundo que era da igreja era assim, como, assim, essa mansidão de não querer lutar. Por exemplo, eu, eu cresci na igreja, é, coroando Nossa Senhora, fazendo tudo, dando aula de catequese. Mas a hora que eu descobri que a gente tinha que fazer alguma coisa, e o nosso papel era diferente daquilo de só rezar, mas também de por em prática alguma coisa, eu mudei a minha vida, né.

J: Sim

O: Mudei completamente. E não é por isso que eu deixei, eu acho que é aí sim que eu comecei a fazer o papel de cristã. Porque qual, o que que, Cristo não morreu na cruz pra lutar pelo benefício dos outros?

J: Sim

O: Eu, eu me vi assim. Porque Cristo falou e lutou porque queria que a fizesse o que ele fez, nós estava fazendo. Então eu não achei em nenhum minuto que a gente tava brincando de, de participar dessa luta.

J: Uhum

O: Mas tinha muitas mulheres que achavam

J: Entendi. E já encaminhando pro final, então, pra também não tomar muito o tempo da senhora, eu queria saber um pouco do que que a senhora pensa sobre como que o grupo foi se encaminhando. Se, no final, assim, dessa, dos Clubes de Mães enquanto Clubes de Mães, se muita gente se afastou? Por que que a senhora acha que o grupo se transformou em um grupo de mulheres e não mais um grupo de mães?

O: Então, porque esse nosso grupo, quando a gente se reunia, é, nos Clubes de Mães, que a gente discutia, também deixava em liberdade. A gente nunca obrigou ninguém a fazer o que não queria.

J: Uhum

O: Mas a gente sempre avisava: “Olha, tal dia vai ter uma assembleia em tal lugar. Quem gostar de, quem quiser ir, é bom se vai. Agora se apessoa também não quer também não vai. Mas a gente, a gente tinha desde cursos bíblicos

J: Sim

O: Até cur, é, encontros políticos, de fé e política. Era muito forte. Naquela época, eu lembro do Frei Betto, eu lembro do Dom Angélico, Dom Paulo Evaristo. Esse pessoal tudo participou com a gente, né.

J: Uhum

O: E, né, então, e aí era muito forte o nosso trabalho. Era um trabalho de fé mesmo, não era só um trabalho político. Era misturado, era fé e política. Porque na, a gente tinha fé que a gente ia mudar o Brasil. Numa hora ou outra a gente ia mudar. E nessa caminhada, dos Clubes de Mães, a gente se lembra que, que não foi fácil. Por que? Porque nós, uma que a gente tinha não tinha condições, muitas condições.

J: Sim

O: Mas tinha muita gente também que vinha pra ajudar a gente. Muita gente. Eu me lembro que logo no comezinho, quando a gente começou o Clube de Mães, é, apareceram, assim, uma damas. Elas eram umas senhoras do Lions Clube, não sei se você já ouviu falar.

J: Sim

O: E elas... Já?

J: Já

O: Então, e elas vieram pra ajudar a gente. Só que quando elas chegaram no grupo, elas ficaram assim como dona, sabe?

J: Uhum

O: Elas traziam tudo. Elas traziam material pra trabalhar de lãzinha, agulha. É, tudo. Panos pra bordar, linhas, trazia babás para cuidar das nossas crianças. E elas entraram, assim, fazendo tudo isso. E aí passou com a gente, acho que um ano e pouco, essas mulheres ali. Mas a gente fazia esses trabalhos lindo. E a gente nunca via pra onde ia aquelas coisas. A gente não sabia se elas vendiam, o que que elas faziam.

J: Entendi

O: E quando foi uma festa de natal, é, nós fomos, o Padre Egídio na festa, o Padre Egídio que tava na paróquia de Vila Remo

J: Uhum

O: Que eu participava. E o Padre Egídio chegou lá e viu que elas tiravam as nossas fotos, mas elas não tiravam, elas não ficavam entre nós. Elas num, num se misturavam, assim, pra tirar foto e tudo mais. E o Padre Egídio foi se interagindo da coisa, foi vendo aquilo. E aí quando foi um dia ele chamou a gente numa reunião e falou “Olha, eu queria que vocês, mulheres da periferia, assumissem esses grupos. Pra não vir ninguém de fora trabalhar pra vocês, trazer coisa pra vocês. Vocês, vocês sempre se viraram bem aqui. Um dia uma trazia um lanche, outro dia outra trazia uma cafezinho. E vocês faziam isso tão bem. E agora tem essas mulheres que tão, assim, aproveitando do trabalho de vocês. Não estou gostando. E como eu sou o pároco aqui da paróquia, eu queria ver com vocês de vocês ficarem levando o trabalho.” Aí quando foi no, na semana próxima, o Padre Egídio chegou lá e conversou com elas. E falou que dali pra frente não queria mais que elas viessem. Que nós tínhamos muita capacidade de coordenar e de levar um grupo pra frente.

J: Sim

O: Olha, foi um baque forte pra elas. Elas choraram, falaram que elas eram cristãs. Que tomavam comunhão toda semana, e que porque que o padre tava fazendo aquilo e tal. E teve mulheres nossas, também, aquelas mais que eram da igreja também, ficaram contra o Padre Egídio. Que ele não devia ter feito isso, e assim foi. Aí elas não vieram mais e nós assumimos os trabalhos.

J: Sim

O: Aí depois disso é que começou, que começamos a crescer a ponto de expandir em todos os bairros um grupinho. Parque Santo Antônio, Jardim Vaz de Lima, é, Figueira Grande, Santa Margarida, Piraporinha, é, esse outro que eu falei, Nakamura. Entre todos esses lugares tinha grupo. Era vários. Acho que eram dezoito grupos, por aí.

J: Ah, sim.

O: Um em cada lugar. E aí então eu acho que essa caminhada ela, ela se fortaleceu porque tava também teve gente com visão por perto da gente que ensinou a gente que a gente tinha poder. Que a gente podia. Você entendeu?

J: Sim

O: E depois que o Padre Egídio saiu chegou o Padre Luís Giuliani. Um padre otaviano. E esse padre ficou com a gente muitos anos. E isso que eu digo sempre pra ele, ele tá vivo ainda, mora aqui.

J: Ai que legal

O: Em Santo Amaro. Ele tá com não sei se noventa, não sei se noventa e quatro, noventa e cinco anos. E agora ele só concelebra uma vez ou outra com o Padre Jaime do Jardim Ângela, mas ele não tem mais aquele trabalho.

J: Sim

O: Mas esse padre ele foi, eu digo que ele foi meu pai, meu irmão, meu companheiro, meu professor. É, o, o, olha, ele foi um estrondo. Não só comigo, mas com várias pessoas. Ele ajudava as famílias nas necessidades. Ele fazia de tudo. Então nós sempre tivemos pessoas, Irmã Cecília, é, esse pessoal todo. Irmã Mônica, era mulher que trabalhava com a gente pra tudo. Então eu acho que a gente, tudo isso que a gente conseguiu fazer foi com a ajuda de muita gente. Tanto de mulheres, quanto de homens, né

J: Uhum. Legal. E a senhora ainda tem contato com o pessoal dos Clubes?

O: Com muita gente ainda.

J: Ai que ótimo.

O: Apesar de que tem pessoas que já não participam mais de nada, né

J: Sim

O: Até falam pra mim “Odete, pelo amor de Deus, você tá com oitenta anos. Pra que que ainda fica participando? Pra que que ainda vai em movimentos, fica, é, fica em reuniões?” Eu falei “Não, tá dentro de mim. Não consigo parar”. E como eu, tem várias. Tem a Maria José do Parque Santo Antônio. Tem Maria Rita. Maria José agora tá muito doente, tá com alzheimer.

J: Ah

O: Mas, sim. Tem a Ana. Ana você deve conhecer, mulher do Santo Dias

J: Sim

O: Ela não mora aqui em São Paulo, mas a gente tá sempre em contato. Tem a Irma Cecília, que mora aqui no Convento Santíssima Trindade aqui em Santo Amaro. E, tem várias. Muitas mulheres. Muitas, espalhadas por aí.

J: Aham

O: E a gente continua, assim, depois de tudo que a gente sofreu, muitas prisões, muitas mulheres perderam o marido. E a gente vê que hoje muita coisa tá se perdendo. E essa luta nossa foi de tanta esperança e agora de uns tempos pra cá a gente tá vendo tanta coisa ruim acontecendo, né?

J: Infelizmente, né?

O: Infelizmente

J: Mas a gente, a gente tem que tentar resgatar isso, né, dona Odete?

O: Pois é, menina. É o meu sonho.

J: Ah, sim. Vamo, vamo ver que um dia ele se realiza. Do mesmo jeito que tem coisa ruim acontecendo, tem, tem gente se movimentando.

O: É, eu to vendo. Eu to sentindo. Você é uma, é?

J: Ah, eu sou.

O: Então, aí depois eu vou ver pra você, porque eu, a minha história eu nunca escrevi um livro meu.

J: Sim

O: Apesar que eu tive, eu sonhei muito em fazer um livro. Mas tem a minha história em alguns livros, não sei se você já leu.

J: Eu já li algumas pesquisas. Eu li a pesquisa do Carlos, eu acho que ele conversou com a senhora também, né.

O: Então, mas o livro do Santo Dias, o último que foi lançado agora, tem parte grande da minha história

J: Ah, sim. Eu to lendo ele.

O: Então, no primeiro também tem. Quando chegar nos Clubes de Mães você vai ver lá “Odete”.

J: Tá ceto

O: E, e ah, não sei se você ouviu falar num livro, é, do, como que ele chama, do Eder Sader.

J: Ah, sim. Esse livro do Eder Sader eu to com problema pra encontrar ele. Mas eu to caçando

O: Então, aí esse livro tem a minha história completa. Com tudo que eu falei, com tudo o que eu lutei.

J: Uhum

O: Lá tem assim, encontra datas, encontra tudo.

J: Ah, que ótimo.

O: Sabe?

J: Sim

O: Então eu vou ver se consigo mandar pra você, que eu escrevo poesias.

J: Ah, que ótimo. Eu ficaria muito feliz se eu pudesse ter uma poesia da senhora pra colocar na minha pesquisa.

O: Então, eu mando. Esse livro que eu to falando, do Santo Dias, parece que no final dele, no final dele tem uma poesia minha que, do Santo Dias, que eu fiz

J: Tá

O: E pro, pra um rapaz que, ele me entrevistou, não sei se você conheceu, Daniel

J: Não, eu conheci só o Pablo

O: O Pablo também me entrevistou. Ele também deve ter poesias minha. Agora o Daniel, ele pegou os meus poemas, alguns poemas meu

J: Uhum

O: Pra por numa tese dele, e disse que ia deixar no, na, na, como é que se diz, na biblioteca do colégio

J: Ah tá

O: Ele estuda nos EUA

J: Ah, legal. Eu vou dar uma pesquisada nele então, também

O: Então, parece que na internet o meu neto também encontrou um pouco da minha história na internet.

Aí ele tirou uma cópia e mandou pra mim

J: Legal

O: Eu falo um pouco assim, da luta quando a gente lutou porque matavam todos os jovens no Jardim Ângela e a gente fez uma luta contra isso. E aí o meu nome tá lá nesse, nesse trecho que fala do Jardim Ângela, da alta mortalidade, né, dos jovens.

J: Sim

O: Que eu lutei pra acabar com isso também. E assim, assim foi indo. Fui passando minha vida, criei os meus filhos. Hoje to com os netos, já. Meus netos todos são maravilhosos. Tenho orgulho, eu, eu vou nos colégios onde estudam os filhos deles

J: Uhum

O: Pra, pra fazer, uma palestra, pra contar um pouco. É, já fui também na USP. Em São Bernardo do Campo eu fui numa faculdade metodista e então, de vez em quando, eles me convidam em algumas faculdades, alguns lugares onde eu levo o material, faço um painel

J: Ai que ótimo

O: E faço a colocação né

J: Sim. É muito importante resgatar essa memória, né.

O: Muito, muito. E com esse trabalho que eu faço, é, de idosos, é, é tão interessante, é tão importante que tem muitos idosos que nunca nem ouviram falar da luta.

J: Sim

O: Muitas idosas. E então eu me lembro que, há pouco tempo atrás, é, eu contando no grupo um pouquinho da história, aí teve um senhor que falou assim “O dona Odete, me perdoa. Mas eu fui um dos que entregou a senhora para a polícia. Que entregou o seu povo pra polícia. Eu andava com um, o meu pai me dava um, um, como que se diz, um gravadorzinho e eu punha no bolso do paletó por dentro e eu ia na reunião de vocês gravar o que vocês falavam.” Então, pra você ver, depois de quantos anos, né

J: Sim

O: Agora esse senhor veio me contar. Eu fiquei tão, assim, chateada com isso, sabe? Porque eu gostava muito desse homem. E peguei até uma coisa dele. Ele falou “mas a senhora me perdoa que eu fazia porque o meu pai pedia.” E o pai dele trabalhava com o pessoal poderoso, né

J: Sim

O: Da

J: Do Estado, né?

O: É

J: Ah, então eu acho que é isso, Dona Odete. Muito obrigada pelo tempo da senhora, muito obrigada por partilhar

O: Não, quando você quiser você pode me ligar, viu?

J: Tá ótimo. Só tenho um pedido final pra senhora. Se a senhora me permitir eu queria colocar essa entrevista nossa, no repositório da Unila, que é aonde eu estudo, pra que as pessoas tenham acesso a nossa conversa.

O: Ah tá. Pode ser

J: Tá. Mas aí vou ter que encaminhar um documento pra senhora assinar, só pra eu ter isso na hora de defender a minha dissertação. A senhora pode fazer pela internet mesmo.

O: Ah tá

J: E aí, assim, se a senhora precisar de ajuda eu posso ajudar também, não tem problema, não.

O: Ah, tá legal.

J: Tá?

O: Você ia elaborar um documento pra mim assinar permitindo você usar?

J: Isso

O: Ah tá

J: Porque eu preciso apresentar isso pro pessoal do meu programa se não é roubo de, de memória, né

O: Ah, tá. Aí deixa eu te falar. Será que seria bom eu mandar um e-mail do meu filho que eu to aqui no sítio pra você me mandar por ele?

J: Pode ser, então. Se a senhora quiser me passar pelo Whatsapp eu envio por lá. Eu só vou fazer isso na semana que vem porque primeiro eu preciso transcrever essa conversa nossa e dá um pouquinho de trabalho.

O: Tá legal. Então eu vou falar, vou pedir pro meu filho, e eu passo pra você

J: Tá ótimo, dona Odete. Então muito obrigada

O: Nada. Boa sorte.

J: Se a senhora tiver mais algum comentário pra fazer... Se não já podemos desligar

O: Tá bom. Pode desligar. Obrigada

J: Tá bom, então. Muito obrigada. Boa noite pra senhora

O: Boa noite

J: Tchau tchau

O: Tchau